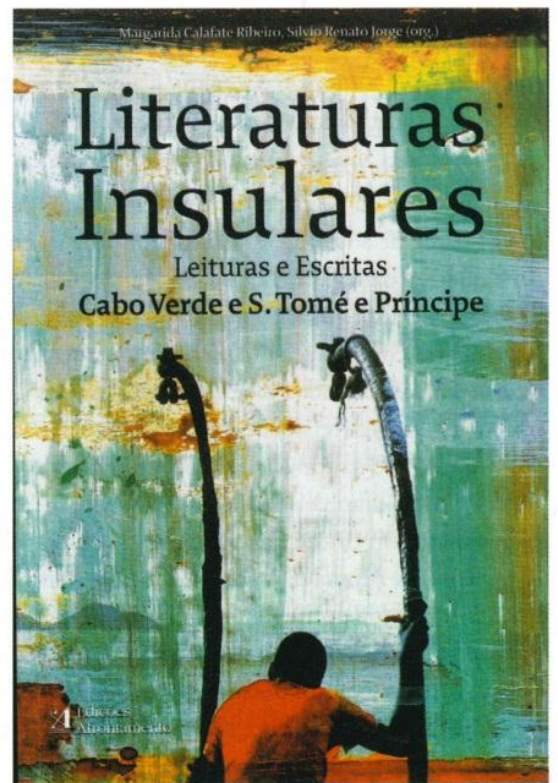


Literaturas Insulares: Leituras e Escritas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, de Margarida Calafate Ribeiro e Sílvio Renato Jorge (org.)

Duas Literaturas convergentes

Integrado no Colóquio Internacional Percursos, Trilhos e Margens, recepção e crítica das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, que decorreu a 14 e 15 de julho em Lisboa, foi lançada esta interessante obra organizada por Margarida Calafate Ribeiro e Sílvio Renato Jorge, reunindo um conjunto de textos que tem por objecto as literaturas produzidas nos arquipélagos de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe

RODRIGUES VAZ



Colocando em diálogo ensaístas de vários locais geográficos, epistemológicos e identitários e criadores das ilhas e de outras paragens, o livro pretende lançar um debate sobre a literatura, a cultura, a política e a sociedade destes espaços.

Pires Laranjeira, Ana Cordeiro, Inês Cruz, Benjamim Abdala Junior, Ellen Sapega, Elena Brugioni, Phillip Rothwell, Joana Passos, Livia Apa, Simone Caputo Gomes, Tomás de Medeiros, Jessica Falconi, Margarida Calafate Ribeiro e Sílvio Renato Jorge oferecem um conjunto multifacetado de leituras, a par das palavras dos criadores santomenses Alda Espírito Santo, Inocência Mata, Albertino Bragança, Armindo Vaz d'Almeida, Teles Neto, Olinda Beja, Conceição Lima e dos cabo-verdianos José Hoppfer Almada e Joaquim Arena. Na última parte da obra, intitulada «Outras palavras: a escrita e a crítica» Jean Yves-Loude e Anne-Marie Pascal reflectem criativa e criticamente sobre estes universos insulares que se exprimem em língua portuguesa.

Cabo Verde e São Tomé foram aglutinados num só livro «por causa da insularidade» e porque são «duas literaturas muito conectadas», com um processo colonial comum e que «ainda hoje funcionam em grande articulação», explicou Margarida Calafate Ribeiro, quando do lançamento.

Outro livro lançado na ocasião, *Literaturas da Guiné-Bissau: contando os escritos da história*, organizado por Margarida Calafate Ribeiro e Odete Costa Semedo, completa o levantamento do

grupo do Atlântico que integra os países nomeados de lusófonos, encerrando um ciclo que teve início com a publicação de *Lendo Angola* (Afrontamento, 2008), e *Moçambique: das palavras escritas* (Afrontamento, 2008).

De vários modos este volume consubstancia as conclusões a que Ana Paula Baptista Monteiro Canhoto Augusto já tinha chegado na sua dissertação de mestrado em Literaturas Comparadas (Universidade Aberta, 2007), em que analisava a obra da santomense Conceição Lima e do cabo-verdiano José Luís Hoppfer C. Almada, salientando que foi visível ao longo da análise das obras literárias destes autores, que eles valorizam a palavra como instrumento descodificador da realidade, como arte.

Depois de apontar que «esta percepção do leitor de que as palavras inscritas nas obras literárias em análise foram escolhidas/seleccionadas implica uma preocupação com a apresentação/representação da realidade, isto é, não é a realidade mas a leitura da realidade que interessa aos poetas», lembra ainda que «tornou-se visível como a colonização portuguesa, em dois territórios distintos geograficamente, pôde originar percepções semelhantes: ao nível do povoamento por moradores (brancos) e pela introdução de escravos (negros) que rapidamente levou ao processo de mestiçagem decorrente da falta de homens brancos e do seu isolamento sexual».

Segundo os organizadores, «a internalização do mar como elemento a cercear e corroer, ao mesmo tempo que se abre à distância e à possibilidade de trânsito, parece configurar uma hipótese de lei-

tura importante para percebermos o quanto a matéria literária produzida nos dois países estabelece inicialmente um caminho voltado para a compreensão do que há de próprio nos respectivos processos de formação cultural, abrindo-se posteriormente a uma reflexão acerca do lugar ocupado por tais processos no espaço maior de África e, sobretudo, a de língua oficial portuguesa».


Pires Laranjeira, que assina o primeiro ensaio, começa por dar o tom do volume definindo o que o intelectual «crioulo» procura: «refazer a sua identidade, recuperando a história do seu povo, para repensar o legado que lhe coube, mas vai vivendo, em simultâneo, o drama de nem sempre poder expressar-se na língua ou nas línguas desse povo, ou talvez não, porque vive a sua vida e sabe que outros intelectuais surgirão para falar desse outro lugar linguístico em que ele não pode (ainda) estar».

Por seu lado, ao analisar *Eva*, de Germano de Almeida, Phillip Rothwell salienta que neste livro o autor evita que Cabo Verde se torne num 'paraíso luso-tropical', «uma vez que o mito se volta contra Portugal e a sua crueldade é denunciada. Nesta exposição, critica-se fortemente, ainda que de maneira subtil, a crueldade de um sistema que agora medeia a relação entre Cabo Verde e a antiga potência colonial e o resto do mundo, ou seja, o capitalismo neoliberal.

Se o papel da mulher nestas literaturas emergentes é tratado com recorrência, de Pires Laranjeira a Joaquim Arena, passando por Phillip Rothwell, Joana Passos e Inocência Mata, a obra de Conceição Lima, de São Tomé e Príncipe, é vastamente analisada e referida, quer por Jessica Falconi quer por Sílvio Renato Jorge, quer ainda especialmente por Margarida Calafate Ribeiro, que assinala que «a poeta exhibe e interroga-nos sobre o "património do sofrimento" de uma África inteira, esquarterada, fragmentada,

metamorfoseada pelo trânsito, a exploração, o capitalismo da escravatura, para o qual não há remédio nem perdão».

Referência especial para a *Carta aberta a um nacionalista inflamado*, de Tomás Medeiros, poeta e nacionalista santomense, que analisa Francisco José Tenreiro em todas as suas circunstâncias e nas suas vertentes totais, pelo que à pergunta de quem foi, responde que foi «intelectual de grande gabarito, introdutor na poética do neorealismo da problemática do negro, deputado da União Nacional por imposição da ordem estabelecida, primeiro grande escritor da história de S. Tomé», assinalando por último que «ele foi sempre o que teve que ser: um intelectual nascido em São Tomé muito parecido com o pai sem ter sido o pai. É vítima do seu comportamento coerente».

Vale a pena lembrar que no encontro no âmbito do qual foi apresentado este livro, tal como noutros realizados nos últimos anos, a palavra lusofonia continuou a ser pronunciada com algum desconforto, levando os participantes a reflectir se não seria melhor começar a pensar noutros termos. Na verdade, como diz o crítico literário galego Francisco Salinas Portugal, «o termo lusofonia é, talvez, ainda mais problemático hoje, pelos seus ressaibos de neocolonialismo e por não se ajustar à realidade linguística dos povos que tradicionalmente se incluem na Lusofonia» o que o leva a concluir «que talvez seria melhor, e mais exacto, rotular de bantofonia para algumas destas áreas como Angola e Moçambique, ou, usando de neologismo, de Crioulofonia para Cabo Verde, São Tomé ou a Guiné». 

Literaturas Insulares – leituras e escritas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe

Margarida Calafate Ribeiro e Sílvio Renato Jorge,

coordenação

Afrontamento, Porto, 2011

SÍLVIO RENATO JORGE

Doutor em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), desenvolveu estágio de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Atualmente, é professor Associado da Universidade Federal Fluminense, pertence ao conselho editorial de diversas revistas da área, como *Gragoatá* e *Diadorim*. É vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. No momento, realiza estágio de Pós-Doutoramento junto ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob supervisão de António de Sousa Ribeiro e Maria Irene Ramalho. De suas publicações, destacamos o livro *Sobre Mulheres e Estrangeiros*: alguns romances de Olga Gonçalves (2009), a organização do volume *Pensando África: ensaios*. (com Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco e Maria Teresa Salgado – no prelo), e os ensaios *Entre guerras e narrativas: percursos da escrita de Paulina Chiziane e Lília Momplé* (2008) e *Sobre exílio e dor: o contratado e a cena colonial* (2006).

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

Investigadora no Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, e membro do Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz. É docente no programa de doutoramento do Centro de Estudos Sociais/ Faculdade de Economia, «Pós-Colonialismos e Cidadania Global» e no programa de doutoramento do CES/III, «Patrimónios de Influência Portuguesa», de que é coordenadora com Walter Rossa. É coeditora da publicação eletrónica dos programas de doutoramento do CES, *Cabo dos Trabalhos*. Com Roberto Vecchi, é responsável da «Cátedra Eduardo Lourenço», do Instituto Camões e da Universidade de Bolonha. Doutorada em Estudos Portugueses pelo King's College; mestre pela Universidade Nova de Lisboa e licenciada pela Universidade de Aveiro. Da sua bibliografia destacam-se *África no Feminino: as mulheres portuguesas e a Guerra Colonial* (Afrontamento, 2007); *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo* (Afrontamento, 2004); *Antologia da Memória Poética da Guerra Colonial* (org. com Roberto Vecchi, Afrontamento, 2011); *Atlântico Periférico - II Postcolonialismo Portoghese e II Sistema Mondiale* (org. Roberto Vecchi, Vincenzo Russo) (Diabasis, 2008); *Lendo Angola* (org. com Laura Cavalcante Padilha) (Afrontamento, 2008); *Moçambique: das palavras escritas* (org. com Maria Paula Meneses) (Afrontamento, 2008); *Fantasmas e Fantasias Imperiais no Imaginário Português Contemporâneo* (org. com Ana Paula Ferreira) (Campo das Letras, 2003).